

Testemunho autobiográfico das lutas interiores do P. José Kentenich

Compulsão espiritual

[Introdução](#)

[Texto](#)

[Textos de aprofundamento](#)

[P. Kentenich](#)

[Outros](#)

Introdução

Em várias ocasiões o P. Kentenich referiu que os anos da sua juventude e dos seus estudos foram marcados por batalhas espirituais a que ele próprio chamou “compulsão”. Seguidamente citam-se apenas algumas passagens em que ele descreve a sua situação de então. O pano de fundo psicológico que aqui se observa facilita, àqueles que têm que lutar consigo mesmos, uma maior identificação com o nosso pai espiritual e ilumina a história original do amadurecimento do fundador e a especial atividade educadora de Nossa Senhora.

O fragmento citado no final foi extraído da Apologia pro vita mea; o resto da passagem pode ser encontrado no texto 7 sobre a “educação paternal hoje”. Recomenda-se ler juntamente ambos os textos.

Texto



Mais tarde afirmei com frequência que o que experimentei pessoalmente foi uma certa compulsão psicológica. Quantas compulsões se observam hoje em todo o lado! Mas com frequência o seu objecto (da compulsão) é diferente do meu. O ser humano deve alcançar maturidade suficiente para transferir as linhas estruturais essenciais de uma compulsão a outras compulsões. Permitam-me acrescentar que cometi um erro que muitos cometem: exigir e esperar segurança metafísica. Logicamente não a há; não existe em absoluto nenhuma certeza filosófica ou metafísica no que se refere aos fundamentos da fé. E muito menos ainda quando penso em cada uma das verdades da fé!

A acrescentar a isto, eu tinha uma peculiar visão da vida. Quando se sofre de tais problemas e se é um fanático da verdade, de tal modo que se defende resolutamente a verdade em todo o lado e se está disposto a dar tudo por ela; quando, além disso, se intensifica o grau de segurança ao ponto de pretender uma segurança metafísica em todos os temas, então isso significa que cada um daqueles pequenos detalhes que qualquer um de nós tem de ultrapassar, se transforma num tremendo problema.

Recordo um companheiro do seminário, dos cursos superiores. Era um homem talentoso, mas quando falava sobre qualquer assunto, pelo menos 99% do que dizia era “fingido”. Há pessoas assim, boas conversadoras, mas tudo o que dizem é, de certa forma, uma “mentira”. Talvez esteja a exagerar um bocado.

Suponham que alguém fala brilhantemente sobre verdades dogmáticas e questões da fé. Imediatamente me pergunto se ele acredita realmente que é verdade o que está a dizer. Estará realmente convencido de que é verdade? Observem pois que em mim havia uma certa obsessão pela verdade. (Terciado de Milwaukee, 1963, Conferência 9, vol.1, 199 s.).

Permitam-me que desvende um pouco o véu que cobre o meu passado. Desde o ingresso no noviciado até à minha ordenação sacerdotal e, mesmo algum tempo depois desta, tive de travar continuamente lutas tremendas. Nem o menor rasto de felicidade e gozo interiores. O meu diretor espiritual não me compreendia e eu tinha apenas escasso apoio no sobrenatural, dada a orientação racionalista e céptica, não sã, do meu pensamento. Daí que tivesse que suportar grandes sofrimentos interiores e exteriores, quer dizer, psicológicos e físicos. (Carta a José Fischer -primeiro prefeito, 11 de dezembro de 1916).

Depois de superar em mim mesmo as longas e fortes lutas do racionalismo e do cepticismo do novíssimo século XX e a concepção apologética do cristianismo que imperava então, Schoenstatt pôde ingressar na história com uma clara concepção da existência e da educação cristãs, ferreamente sustentada desde então. (Ensaio de 1957/58)

A luta de morte pela minha subsistência espiritual e psicológica, ligada aos acessos de cepticismo da adolescência, tornou-se gradualmente uma espécie de necessidade compulsiva que abanou corpo e alma até á medula mas que, foi, finalmente, superada vitoriosamente. Em anos posteriores, estas vivências infundiram-me a capacidade de discernir rapidamente todo o tipo de compulsões (também as ligadas a planos inferiores e muito inferiores) e de oferecer com certa segurança, juntamente com o diagnóstico, também o correspondente prognóstico. A matéria da compulsão pode variar segundo o caso, mas a sua expressão e ritmo formais são essencialmente os mesmos. Daí que, tendo educado a capacidade de associação, não seja difícil inferir conclusões de um caso para o outro e assim elaborar e divulgar, com maior ou menor independência, um método de cura universal. (Apologia, 1960, p. 178.)

Os princípios subjacentes e aplicados aqui são antiquíssimos; por isso não têm nada a ver com a psicanálise, a não ser que se defenda que essa jovem e controversa ciência teria dado a tais princípios uma perspectiva e fundamentação novos. Uma norma pastoral vigente desde tempos imemoriais estabelece que uma compulsão espiritual objetivamente diagnosticada não pode ser curada por compulsão, mas antes suportando-a com humildade. Ela tem que ser solucionada relaxando e através da abertura a uma maior entrega filial.

Aplicando adequadamente esta norma, pude ajudar inúmeras pessoas que se debatiam nas mais difíceis situações psicológicas. Para destacar ao menos um desses casos, que ao mesmo tempo pode servir de ilustração, cito a história de uma Irmã que morreu com fama de santidade. Foi graças a estes princípios que ela foi preservada do manicômio e progrediu no caminho de uma santidade heróica. Servindo-me deste exemplo, espero conseguir revelar todo o mundo mencionado até aqui, tornando-o mais acessível a outros. (Apologia, 1960, 107, 113 s)

Textos de aprofundamento

P. Kentenich

Kentenich/King I, Free and Wholly Human, pp. 369-373.

Outros

Monnerjahn, A Life for the Church (2001), pp. 38-51.

Monnerjahn, A Provocative Figure.

Niehaus, The 31st May, pp. 14-18, 132-134, 148-154.

Schlickmann, Os Anos Ocultos.